

ARTE, CIÊNCIA E IMAGENS SOBRE O EGITO NA FRANÇA DE NAPOLEÃO

Luiz Fernando PINA SAMPAIO

- RESUMO: O artigo que aqui apresentamos tem como objetivo geral estabelecer um breve histórico-analítico acerca das origens da Egiptologia na França Napoleônica, tomando por pilares fundacionais a arte, a ciência e as imagens – todas as três fortemente influenciadas pela “egiptologia” e “egitomania” decorrentes da Campanha de Napoleão no Egito entre 1798 e 1801.
- UNITERMOS: Egiptologia; França Napoleônica; Arte; Ciência; Imagens.

Prefácio

Escrever sobre um assunto tão vasto e complexo, como são as origens da Egiptologia nos séculos XVIII e XIX, demanda de nossa parte algumas considerações iniciais.

Partimos de uma reflexão que tem como parâmetro de observação o elemento cultura, aqui compreendido não somente como um sistema de normas e modos de agir, costumes e instruções de um povo, mas antes, como que um depositário das artes, da ciência e do imaginário. Isso não quer dizer, de modo algum, que consideremo-la como um fenômeno desassociado ou mais relevante do que a economia, a política e outros aspectos sociais relacionados, até porque se fala muito, nas duas décadas anteriores à nossa, nos conceitos de cultura-política, cultura-econômica. Fizemos a escolha de uma abordagem cultural, pois esta pareceu-nos mais adequada para a discussão que pretendíamos.

Em função do reduzido espaço disponível, optamos por não fazer uso de imagens ou ilustrações, mesmo quando discutimos arte. Limitamo-nos a apontá-las, quando julgamos necessário, nas suas respectivas bibliografias.

Embora cientes das contribuições da Inglaterra, Alemanha, Itália e Espanha, para o desenvolvimento do pensar egíptológico, centramos a discussão na França imediatamente anterior, durante e posterior a Napoleão.

Origens mais primievas do estudo egíptológico

O Antigo Egito conta com uma História cuja cronologia ultrapassa três milênios. E ao fazer esta afirmação referimo-nos unicamente ao período em que o Egito foi um verdadeiro Estado (independente, organizado e unificado), ou seja, aquela época que vai de meados de 3100 a.C., quando teria ocorrido a fundação do Estado Egípcio, ao ano 30 a.C., quando a ocupação dos romanos fez-se presente de forma definitiva (BAINES; MÁLEK, 2007, p.8-9).

Ao escrever que “(...) os primeiros egíptólogos foram os Egípcios Antigos” (ALDRED, 1966, p.15), o autor francês Cyril Aldred fazia alusão ao fato dos habitantes do Vale do Nilo terem sido especialmente zelosos para com o seu passado trimilenar, a fim de preservar eventos, feitos e memórias de outrora.

Quando o faraó Neferhotep I (cerca de 1741-1730 a.C.) resolveu mandar que se construísse uma nova estátua do deus Osíris procurou, nos arquivos de uma biblioteca em Heliópolis, um antigo modelo a partir do qual pudesse esculpir a sua (ALDRED, 1966, p.15) – segundo os rígidos cânones estéticos da arte oficial, que no Egito dos faraós, tinha caráter de “instrumento mágico” (ESPAÑOL, 1992, p.19-23).

As listas de reis dos templos de Karnak e Abidos, os relevos de Sakkara, (JOHNSON, 2002, p.38-39) e tantos outros, podem ser sintetizados numa idéia: a necessidade de manutenção da *maat* (a ordem cósmica egípcia), o que garantiria que o Egito não viesse a ser lançado num caos total, levava-os ao cumprimento de práticas e costumes reguladores, ligados aos fazeres da economia, da política e da religião.

Contudo, um registro direcionado e preocupado com um estudo do passado egípcio só aconteceria pela primeira vez, até onde sabemos, com Mâneton de Sebennitos, um sacerdote egípcio que viveu no terceiro século antes de Cristo, sob o governo dos dois primeiros faraós ptolomaicos¹ (JOHNSON, 2002, p.37-38). Sua obra, *História do Egito (Aegyptiaca)*, fala das origens mais remotas à sua época. O texto,

¹ Denomina-se ptolomaicos ou ptolemaicos os governantes egípcios que comandaram de cerca de 330 a.C., com o general de Alexandre, o Grande, Ptolomeu, até 30 a.C., com Cleópatra VII Filopátor, a conhecida rainha que envolveu-se com Júlio César e Marco Antônio.

que não chegou intacto até nossos dias, muito embora contenha certos exageros cronológicos, é um dos referenciais fundamentais para o conhecimento das dinastias egípcianas.

É certo que nomes como Heródoto, Estrabão, Plínio (SAUNERON, 1970, p.7), e outros, também deram seu contributo, ainda que tenham legado certa visão demasiado misteriosa e imprecisa de muitas formas acerca da terra dos faraós.

Durante a Idade Média, os relatos de viajantes, que passaram pelo Egito e seus lugares cristãos santos – como aqueles associados à jornada de Cristo ainda criança, ou mesmo pelas pirâmides, consideradas os celeiros de José (BAINES; MÁLEK, 2008, p.22) – davam ao Ocidente uma turva visão do que era o Egito.

Ao final do século XVII, e ao longo do XVIII, o número de viajantes, bem como os registros e desenhos que estes fizeram acerca do Egito, aumentaram gradualmente. Contudo, somente em fins do século XVIII descobertas realmente paradigmáticas e científicas, sobre a terra das pirâmides, tomariam forma.

A Revolução Francesa e a gênese de Napoleão

Como escreve-nos o historiador alexandrino Eric. J. Hobsbawm, se a influência da Revolução Industrial sobre a economia do século XIX é marcante, a sua política e ideologia foram fundamentadas na Revolução Francesa (HOBSBAWM, 1996, p.9).

Tendo se passado numa nação muito poderosa e populosa, a Revolução na França teve caráter radical, contou com uma participação social em peso e configurou-se num evento ecumênico, já que seus exércitos e idéias influíram em outros movimentos revolucionários no mundo (HOBSBAWM, 1996, p.10-12). Este tríduo faz dela um acontecimento paradigmático.

Foi no período do Diretório (1795-99), que um jovem general chamado Napoleão Bonaparte, passaria a ganhar destaque dentro do Exército francês.

Nascido em Ajaccio, Córsega, era nobre de nascimento, ao menos para os padrões da ilha italiana. Seu nome, coincidentemente, era o nome de um mártir egípcio que havia morrido em Alexandria sob o governo de Diocleciano, século III d.C. Sua mãe, conforme narram suas biografias, teria pronunciado um breve “oh” ao tomar conhecimento do significado e origem do nome escolhido para o filho (CRONIN, 1973, p.17).

A Campanha ao Egito

Ao contrário do que sustentam certos autores, fazendo eco a uma abordagem mais idílica, as razões que levariam o general francês até o Nilo teriam um substrato bem mais político e econômico, *a priori*, do que cultural-científico, como revelar-se-ia *a posteriori*.

Vejam os. O Egito fazia parte das possessões do Império Otomano naquele momento. Nações da Europa, como a Inglaterra, a Áustria, a Rússia, e especialmente a França, vinham apontando as miras de seus canhões e arcabuzes para estes lados do Mediterrâneo já há algum tempo. De um ponto de vista geopolítico, a hora para a intervenção francesa havia chegado. Após as épicas campanhas na Itália, Napoleão convertera-se no “*herói do momento*” (SILIOTTI, 2007, Pt. I, p.81) para a opinião pública, e ajudara a fazer da França importante potência militar.

Assim, uma vez que o Diretório desejava uma ação beligerante direta contra a Inglaterra, incumbiu Napoleão de fazê-la. Parece que o general, ao refletir sobre os perigos, decidiu-se por levar as tropas para o Mediterrâneo (CRONIN, 1970, p.175). O Diretório esperava, caso a incursão contra a Inglaterra viesse a falhar, que ao menos a imagem do jovem general, considerado por eles um perigo potencial, viesse a ser reduzida.

Como observa V. Cronin (1973, p.176-177), os objetivos da expedição eram três: primeiro, Napoleão deveria ocupar o Egito e libertá-lo do domínio dos mamelucos, e aí desenvolver uma colônia francesa. Segundo, pretendia-se enfraquecer a Inglaterra mediante o domínio por sobre a Índia, a possessão inglesa mais rica, o que far-se-ia criando uma aliança com a Turquia e a Pérsia, ou, mais ambiciosamente, construindo um Canal no istmo de Suez para alcançar o Mar Vermelho e daí o Oceano Índico. E terceiro, a França, na visão de Napoleão, iria ao Egito objetivando “ensinar e aprender” – ensinar os meios para o desenvolvimento dos nativos (ciência, medicina e tecnologia) e aprender sobre esta terra quase desconhecida para a Europa (cultura, geografia, história e etc).

Então, com uma “*expedição de dimensões colossais, formada por 13 navios de guerra, seis fragatas, uma corveta, 35 naves menores e 300 barcos de transporte*

com 10.000 marinheiros e 35.000 soldados”² (SILIOTTI, 2007, Pt. I, p.80) e cerca de 200 sábios, cuja missão era explorar, descrever e possivelmente escavar, Napoleão chegou a Alexandria, em julho de 1789. A *Comission dês sciences et des arts* (Comissão de ciência e artes), composta por nomes como Dolomieu, Geoffroy Saint-Hillaire e Vivant Denon, foi o grupo dos já mencionados sábios, responsáveis por deslindar o mundo pouco conhecido dos egípcios.

Isto não se fez sem muitas mortes – sejam em decorrência de doenças ou das batalhas nas quais os franceses viram-se envolvidos.

Com a ajuda do Ministro de Assuntos Exteriores do Diretório, Charles Maurice Talleyrand, o Exército do Oriente (como se denominou os militares da campanha) foi organizado e entregue a Napoleão.

Vislumbrar as pirâmides de Gizé era exercício mais simples. Duras foram as longas e cansativas viagens deserto adentro, por áreas controladas pelos árabes, em virtude da escassez de alimentos em certos períodos, em função do clima hostil ou então devido à geografia desconhecida.

Todavia, os achados e estudos que daí resultaram, foram únicos. A *exempli gratia*, o barão Dominique Vivant Denon fez centenas de desenhos e registros: o templo da deusa Háthor, em Dendera, as ruínas de Tebas, que fora capital do Antigo Egito por séculos, Luxor e Karnak, templos dedicados ao deus *Amon-Rá*, e dezenas de outros túmulos, templos e paragens (SILIOTTI, 2007, Pt. I, p.88-89).

Estes desenhos, assim como várias centenas de outros trabalhos, foram compilados e publicados entre 1808 e 1828, em Paris, na colossal *“Description de l’Égypte ou Recueil des Observations et des Recherches qui ont été faites en Égypte pendant l’expédition de l’armé française, publié par les ordres de S.M. l’Empereur Napoléon”*. Para sua impressão, criou-se um formato especial de papel e uma máquina de impressão especial, projetada pelo engenheiro Nicolas Jacques Conte. Oitocentos e noventa e sete gravuras, muitas das quais eram coloridas, de mais de três mil desenhos de duzentos artistas. Pesquisas de arqueologia, ciências naturais, arquitetura, geografia, mineralogia, e outros campos do conhecimento de então, foram aí publicados (SILIOTTI, 2007, Pt. I, p.100-129)³.

² As consultas às obras de Aldred, Sauneron e Siliotti revelaram valores distintos nos três textos, mas, que no geral, têm margem estatística aproximada.

³ A obra *“Primeiros Descobridores. A descoberta do Antigo Egito*. Pt. I. Barcelona: Folio, 2007”, de S. Siliotti, traz reproduções de dezenas de imagens destas aquarelas e desenhos.

Só que os resultados da expedição não foram exclusivamente benéficos. A obtenção de Antiguidades egípcias tornar-se-ia, nos anos do século XIX que já se avizinhavam, como que “*capricho, num jogo de rivalidades nacionalísticas que os vários representantes das dez Grandes Potências (européias) travavam uns com os outros (...)*” (SAUNERON, 1966, p.21). Nasceram daí os cônsules-antiquários – autoridades que passariam a saquear bens e tesouros do Egito, e a suprir coleções particulares, museus europeus e até americanos. Os egiptologistas de hoje referem-se a isso, com grande pesar, como a “violação do Nilo”.

É preciso ressaltar que os próprios egípcios tomaram parte nessa “obscura” empreitada. Desde os tempos dos faraós da IIIª Dinastia (2649-2575 a.C.), e talvez até mesmo antes, saqueadores de túmulos eram comuns e combatidos. Havia mesmo um verdadeiro “mercado negro” de peças arqueológicas. Gerações de egípcios, ao longo dos séculos, encabeçaram-no. Muitos deles persistem ainda hoje.

A 23 de agosto de 1799, por questões político-econômicas e pessoais, Napoleão retornaria à França. A expedição ainda duraria até meados de 1801, quando as forças inglesas entrariam no Egito pondo um fim ao brevíssimo Protetorado Egípcio (embora a França ocupasse o Egito, eram os árabes-muçulmanos que permaneciam no governo).

Alguns dos artefatos obtidos durante a Campanha de Napoleão seriam confiscados pelos ingleses. Dentre eles, estava a Pedra de Roseta, um achado que se deu por acaso pelos franceses, nas imediações de uma fortaleza árabe do século XV d.C., próximo à cidade de Roseta, no norte do Egito (SOLÉ, 2003, p.357).

O mencionado achado mudaria o curso da história da egiptologia nascente dentro de alguns anos.

Jean-François Champollion: decifrando o Egito

Jean-François Champollion, nascido em Figeac, no Quercy, França, em 23 de dezembro de 1790, e que, portanto, tinha cerca de nove anos quando a Campanha do Egito ocorreria – não, ele não estava no Egito com Napoleão em 1798, como muitos pensam ainda hoje – foi um jovem intelectual cujos trabalhos levariam à decifração da escrita hieroglífica contida na Pedra de Roseta. Lia grego, hebraico, síriaco, caldeu, árabe e copta. Em declaração, de janeiro de 1806, afirmou: “*Quero fazer dessa antiga nação um estudo aprofundado e contínuo... De todos os povos*

que mais admiro, nenhum abala minha predileção pelos egípcios” (SOLÉ, 2003, p.80-81).

Napoleão mandara fazer cópias da Pedra antes de os ingleses confiscarem-na. As cópias foram enviadas para estudiosos na França. Um deles era Champollion (MARUCCI, 2001, p.147).

A pedra, atualmente no Museu Britânico, em Londres, trata-se de uma estela (monólito retangular para inscrições oficiais) de basalto, que traz de cima para baixo, em três línguas (hieróglifo, hierático e grego), um decreto do faraó Ptolomeu V Epifânio, de 196 a.C.

Ao estudar a pedra, e baseando-se no trabalho de outros pesquisadores, Champollion decifrou a escrita hieroglífica nela contida. Era 14 de setembro de 1822 quando deu o grito de “eureka!”. Escreveu sua famosa carta, *Lettre à M. Dacier...*, no dia 22 daquele mesmo mês, narrando sua descoberta. Só em 1824, com a obra *Précis du système hieroglyphique...*, expôs os conceitos fundamentais da escrita hieroglífica (SILIOTTI, 2007, Pt. II, p.11).

Em 1828 ocorreu a Expedição Franco-Toscana, outra importante incursão científica ao Egito, na qual Champollion tomou parte e pôde colocar à prova sua descoberta, decifrando outros textos pelos lugares históricos do Egito e fazendo com que os antigos egípcios pudessem falar novamente, pela primeira vez, desde o reino de Teodósio, século IV d.C., quando foi feita a última inscrição hieroglífica de que se tem notícia. Este feito garantiu-lhe o epíteto de o “pai da egiptologia”.

As artes

As influências de todas as descobertas decorrentes da Campanha Napoleônica no Egito far-se-iam bem evidentes nas Artes – especialmente nas artes plásticas (pintura e escultura).

Como observa E. J. Hobsbawm (1977, p.275-279), uma das coisas que muito nos surpreendem quando analisamos a época da “revolução dupla” (1789 e 1848) é o desenvolvimento das artes. Temos aí o que ele considera uma espécie de “ressurreição e expansão das artes” que atraíam um público dotado de certa erudição. Isso na música, literatura, pintura, escultura, arquitetura... As artes e os assuntos públicos estreitaram-se ainda mais nos países onde a consciência nacional e os movimentos de unificação e libertação eram fortes. A França certamente era um desses lugares.

Se Champollion é nomeado o “o pai da egiptologia”, o título de incentivador máximo da “egitomania” é sem dúvidas do *l'Empereur* Napoleão. Mas ele não estava sozinho.

Como registra Robert Solé:

“A Revolução Francesa revelou-se ainda mais egitomaniaca que a monarquia: a cada festa, erguiam-se nas praças parisienses obeliscos ou pirâmides de papelão. No dia 10 de agosto de 1793, até se instalou na praça da Bastilha uma fonte de gesso revestido de bronze, na qual Ísis, sentada entre dois leões, vestida com um páreo egípcio, espreme ‘dos seios fecundos o licor puro e salutar da regeneração’ (...)” (SOLÉ, 2003, p.148).

Assim, com Napoleão, a egitomania atingira seu ápice. Monumentos, fontes, móveis, porcelana de Sèvres, papéis de parede, estátuas, pinturas, e outros mais. Isto sem falarmos nas múmias: muitas destas foram trazidas para a Europa nessa época. Tornavam-se parte integrante das coleções pessoais de burgueses e nobres, ou então, ingrediente n’alguma fórmula de panacéia. Cerimônias de “abertura de múmias” eram comuns.

Numa sala principal da Vila de Napoleão, do século XIX, pode-se observar pinturas em estilo egípcio, como se vê em *Egito: um olhar amoroso*, de R. Solé (2003, p.148).

O desenho do projeto de um obelisco, por Lecoq, para um monumento em substituição à estátua do rei Henrique IV, sobre a Ponte Neuf, na extremidade da *Ile de La Cité* (Ilha da cidade), de 1809, pode ser visto em *Plaisir de France*, de D. Adrien (1969, p.24-25). Na mesma revista, apresenta-se a imagem de uma fonte egípcia, na rua de Sèvres, feita por um decreto de 2 de maio de 1806, responsável pela criação de 65 fontes (ADRIEN, 1969, p.28-29).

Digna de menção mais detalhada é a porcelana de Sèvres. Era utilizada para o “*grande deleite dos ricos do século XVIII (...)*” (ADRIEN, 1969, p.18). A produção desta cerâmica ampliou-se com Napoleão, que nela viu uma fonte de atividade remunerável, mas também, um fino objeto para uso pessoal ou como presente: nas alianças diplomáticas, nos casamentos principescos, e mais ocasionalmente, nas visitas oficiais às Manufaturas (ADRIEN, 1969, p.18-19).

O século dos egiptólogos

Chamamos assim o século XIX. Outras importantes expedições ocorreram no Egito nessa época. Após a Expedição de Napoleão, de Champollion, sem dúvidas a do alemão Richard Lepsius, entre 1842 e 1846, foi uma das mais importantes. Superou inclusive àquela de Napoleão. Lepsius é considerado fundador da egiptologia alemã. Antes dele, o inglês John G. Wilkinson, em 1821, que passou a década seguinte copiando desenhos, pinturas e relevos, e escavando em solo egípcio. Outro nome importante é o francês Emile Prisse d'Avenas, que a partir de 1827 passaria a viver e trabalhar no Egito. Pôde explorar por muitos anos templos e construções antigas, retratando-as em belos desenhos.

Outro nome essencial ao se falar desse período é o francês August Marriette (1821-1881). Nascido em Boulogne-sur-Mer, este estudioso e arqueólogo francês foi enviado ao Egito pelo Museu do Louvre, em 1850, a fim de colher peças de cultura material. Contudo, acabaria vendo as necessidades de se criar uma legislação voltada para a proteção e valoração do patrimônio local (EINAUDI, 2009, p.13-14). Graças à sua insistência foi criado o *Service des Antiquités* (Serviço de Antiguidades), em 1858. Em 1863, conseguiu, enfim, inaugurar um museu no Cairo. Tempos depois de sua morte, a situação desse museu tornou-se crítica devido às inundações contínuas causadas pelas cheias do Nilo. A coleção foi levada para uma das residências do Vice-Rei Khedivé Ismail durante um tempo (1889-1902). Em 1902, a coleção foi finalmente transportada para um novo prédio criado especialmente para ela: o Museu Egípcio do Cairo (EINAUDI, 2009, p.15-16), no qual permanece, com muitas ampliações e melhorias conservacionais, até hoje.

Aos egiptólogos que vieram depois dele – Flinders Petrie, Griffith, Montet, e tantos outros, coube-lhes árduo trabalho, achados grandiosos ou pequenos achados – sendo que são estes últimos aqueles que de fato dão sustentação à pesquisa científica egiptológica.

Os exploradores “sábios” de Napoleão contavam com sua curiosidade e audácia, quase que exclusivamente. Hoje, além de nos beneficiarmos com os frutos de seus trabalhos, dispomos de técnicas e métodos bastante avançados. Enfim, uma coisa é certa: o espírito sequioso por conhecimento que movia àqueles ainda paira sobre nós.

- **ABSTRACT:** *The article presented here by us has as general objective establish a brief hitorical-analytic, concerning to the origins of Egyptology on the napoleonic France, taking the art, the science and the images by basis – all the three of them strongly influenced by “egyptomania” and “egyptology” on resulting from the Napoleon Campaign in Egypt between 1789 and 1801.*

- **KEYWORDS:** *Egyptology; Napoleonic France; Art; Science; Images.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ADRIEN, Dansette. Une Mensagère de l'Empereur. *Plaisir de France*, [s.l.], fev. 1969.
- ALDRED, Cyril. *Os Egípcios*. Lisboa: Editorial Verbo, 1966.
- BAINES, John; MÁLEK, Jaromír. *Deuses, templos e faraós. Atlas Cultural do Antigo Egito*. Barcelona: Folio, 2008.
- CRONIN, Vincent. *Napoleon*. Suffolk: Penguin Books, 1973.
- EINAUDI, Silvia. *Museu Egípcio, Cairo*. Rio de Janeiro: Mediafashion, 2009.
- ESPAÑOL, Francesca. *Saber ver a arte egípcia*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HOBSBAWM, Eric J. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- _____. *A revolução francesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- JOHNSON, Paul. *História Ilustrada do Egito Antigo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- MARUCCI, Liege M. de Souza. A Pedra de Roseta. *Egitomania: O Fascinante Mundo do Antigo Egito*, Barcelona, v.1, n.8, p.146-147, 2001.
- SAUNERON, Serge. *A Egíptologia*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- SILIOTTI, Alberto. *Primeiros descobridores. A descoberta do Antigo Egito*. Pt. I. Barcelona: Folio, 2007.
- _____. *Viajantes e Exploradores. A descoberta do Antigo Egito*. Pt. II. Barcelona: Folio, 2007.
- SOLÉ, Robert. *Egito: um olhar amoroso*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

SAMPAIO, Luiz Fernando Pina. Arte, ciência e imagens sobre o Egito na França de Napoleão. *Revista Ensaios de História*, v.14, n.1/2, p.123-132, 2009. ISSN 1414-8854.

Disponível em: <http://www.franca.unesp.br/#!/graduacao/programa-de-educacao-tutorial/historia/revista-ensaios-de-historia/>.